

**INTERSTÍCIOS
ENTRE LINGUAGEM
E CULTURA**

VOLUME 7



Coordenação

Kleber Aparecido da Silva

Assistente de Coordenação

Cátia Regina Braga Martins

Dilúbia Santclair

Lauro Sérgio Machado Pereira

Oseas Bezerra Viana Jr.

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Conselho Editorial

Alastair Pennycook

Allen Quesada

Ana Nery Damasceno Noronha

Ana Sousa

Antonietta Heyden Megale

Aparecida de Jesus Ferreira

Beatriz Gama Rodrigues

Carmen Jená Machado Caetano

Cátia Regina Braga Martins

Daniel Silva

Elaine Fernandes Mateus

Elkerlane Martins de Araújo

Fernanda Coelho Liberali

Joaquim Dolz

Kleber Aparecido da Silva

Li Wei

Lynn Mário Menezes de Sousa

Gabriela A. Veronelli

Gisvaldo Araújo Silva

Manuela Guilherme

Reinildes Dias

Ofélia Garcia

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Paulo Massaro

Renato Cabral Rezende

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Rosane Pessoa

Ryuko Kubota

Sávio Siqueira

Sweder Sousa

Tatiana Dias

Veruska Machado

Vilson Leffa

Viviane Resende

Claudiana Nogueira de Alencar
Dina Maria Martins Ferreira
Kanavillil Rajagopalan
(organizadores)

7 INTERSTÍCIOS
ENTRE LINGUAGEM
E CULTURA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interstícios entre linguagem e cultura / organizadores
Claudiana Nogueira de Alencar, Dina Maria Martins Ferreira,
Kanavillil Rajagopalan. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de
Letras, 2021. – (*Estudos Críticos em Linguagens* ; 7)

ISBN 978-65-86089-99-8

1. Cultura 2. Língua e linguagem I. Alencar, Claudiana
Nogueira de. II. Ferreira, Dina Maria Martins. III. Rajagopalan,
Kanavillil. IV. Série.

22-114057

CDD-410.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua e linguagem : Linguística 410.7
volume 7

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
revisão dos originais: Prof. Dr. Jony Kellson Castro e Silva
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Independentemente de suas associações mais específicas, contudo, nosso termo moderno “cultura” conserva as diversas associações – e portanto a ambiguidade criativa – introduzidas por essas metaforizações. Com efeito, a confusão de “cultura” no sentido “sala de ópera” com a acepção antropológica mais geral deve-se a uma contínua derivação de um significado a partir do outro. É nessa zona de ambiguidade, com suas implicações contrastantes, que podemos esperar encontrar uma pista daquilo que no mais das vezes pretendemos ao usar a palavra.

(Roy Wagner, A invenção da cultura)

*O mundo se me olha. Tudo olha para tudo,
tudo vive o outro; neste deserto
as coisas sabem as coisas.*

(Clarice Lispector, A paixão segundo G.H.)

SUMÁRIO

Prefácio	
LINGUAGEM E CULTURA: ALGUMAS REFLEXÕES PRELIMINARES.....	9
<i>Kanavillil Rajagopalan</i>	

Introdução	
PERCORRENDO INTERSTÍCIOS: ATRAVESSAMENTOS TEÓRICOS, TRANSLOCALIDADES E CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DAS PRÁTICAS DE CULTURA.	15
<i>Claudiana Nogueira de Alencar, Dina Maria Martins Ferreira e Kanavillil Rajagopalan</i>	

Parte I – ATRAVESSAMENTOS

O QUE AUSTIN TERIA A DIZER SOBRE O FENÔMENO DE CULTURA: UMA REFLEXÃO ESPECULATIVA	25
<i>Kanavillil Rajagopalan</i>	

A CULTURA COMO PRÁTICA SOCIAL DIALÓGICA	39
<i>João Batista Costa Gonçalves e Marcos Roberto dos Santos Amaral</i>	

O DISCURSO COMO ACTANTE: REVITALIZANDO O CONCEITO DE DISCURSO À LUZ DA TEORIA DO ATOR-REDE	87
<i>Emanoel Pedro Martins Gomes</i>	

RIDZÁ: UNAE, UCÁ, SAMYTOKENHÉ, NETÇOWONHÉ, UCHÉ BAE
RADÁ: CULTURA VERSUS PENSAMENTO-VIDA INDÍGENA139
Felipe Coelho e Letícia Fraga

Parte II – TRANSLOCALIDADES

COMO DISPUTAR ESPAÇOS COM PALAVRAS?
PERFORMATIVIDADE EM PAISAGENS
LINGUÍSTICAS TURBULENTAS.165
Joana Plaza Pinto

LINGUAGEM, (I)MIGRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS AFRO-DIASPÓRICAS:
POR UMA PRAGMÁTICA DO ACOLHIMENTO CULTURAL193
*Kassandra Muniz, Ana Lúcia Silva Souza e
Lúcia Maria de A. Barbosa*

IDENTIDADE PÓS-COLONIAL: IMAGINARY HOMELANDS,
DE SALMAN RUSHDIE.215
Dina Maria Martins Ferreira e Vanusa Benício Lopes

A CULTURA DO ÓDIO: O CASO DANDARA
E O CANCELAMENTO DO EDITAL DA UNILAB 243
Júlio Araújo e Marcos Randall Oliveira de Freitas

Parte III – CARTOGRAFIAS

PRAGMÁTICA CULTURAL NEGRA: SUJEITO-CAPOEIRA
E ATO DE FALA MANDINGUEIRO271
Gilson Soares Cordeiro

COM ARTE E CULTURA, NINGUÉM NOS SEGURA: SARAU
OKUPAÇÃO, UM AGENCIAMENTO DE EXISTÊNCIAS. 303
*Bruna Santos Silva, Claudiana Nogueira de Alencar e José Antônio
Viana Rocha (Baticum Proletário)*

PRÁTICAS CULTURAIS E ACADÊMICAS INTEGRADAS:
POLITIZAÇÃO DE AFAZERES 333
Djane Antonucci Correa

AUTORES. 355

Prefácio
LINGUAGEM E CULTURA:
ALGUMAS REFLEXÕES PRELIMINARES

Kanavillil Rajagopalan

Pode-se dizer que o par de termos “linguagem” e “cultura” constitui uma dupla de gêmeos siameses – não há como pensar num sem que se invoque, ao mesmo tempo, a ideia do outro. Os esforços de isolar um do outro, como acontecem com frequência no campo da Linguística e em outros campos afins, ou fracassam, ou alcançam seus objetivos muito aquém dos resultados esperados, por ignorar que o primeiro – linguagem – nada mais é do que uma sinédoque que inevitavelmente remete ao segundo – cultura. Dito de outra forma, a linguagem é a ponta de um enorme *iceberg* chamado cultura. Esta, por sua vez, não só depende daquela para se manifestar, desabrochar, aflorar, em sua plenitude, como também para garantir sua coerência e sobrevivência.

Todavia, jamais se pode perder de vista que estamos tratando de conceitos um tanto amorfos e em transformação constante. Nem a linguagem nem a cultura têm seus contornos bem demarcados ou delineados, de uma vez para sempre. Ambos são conceitualmente bem sensíveis a fatores externos e se transformam ao sabor das pressões geopolíticas do

momento, por exemplo. Tanto a linguagem quanto a cultura já não são mais ilhas alheias a influências vindas do lado de fora (como talvez tenham sido em épocas remotas), em especial no rastro do encolhimento progressivo do mundo em razão da globalização em curso e se processando a galope. Isso traz novos ingredientes para a sopa de letras em que se transformou o campo de estudos em pauta.

Se as linhas fronteiriças que outrora definiam as diferentes línguas em tempos passados, ajudando-nos a distinguir umas das outras, estão ficando vez mais tênues e evanescentes, as culturas, que as línguas representavam e resguardavam fielmente, também estão sofrendo influências mútuas, resultando em novas simbioses que muitos de nós ainda estão com dificuldades de compreender. Basta lembrar que as novidades culturais – na arte, no campo da tecnologia, ou no que se refere a fenômenos naturais típicos de certas regiões – para citar apenas alguns exemplos mais gritantes – se viralizam no mundo inteiro num piscar de olhos, carregando consigo, com frequência, as palavras que as designam na língua de origem ou suas traduções/adaptações muitas vezes feitas às pressas. A título de ilustração, tem-se a palavra *tsunami* que já se tornou uma palavra da língua portuguesa e de outras tantas línguas ao redor do mundo. O mesmo pode se dizer da expressão *fake news*, movimento *Me too* e, mais recentemente, *lockdown* (jocosamente soletrada e naturalizada por alguns como *loquidau*). O lema *vidas negras importam* também pertence a esta categoria.

Diante da questão de suma importância de especular sobre o possível desfecho dessa tendência – isto é, a propagação em escala geométrica de novidades na esfera cultural e seu impacto na esfera da linguagem – que estamos testemunhando, devemos nos perguntar de que forma este fenômeno afeta a nossa prática tradicionalmente consagrada de conceber a linguagem, em especial, no que se refere ao ponto de partida de nossas pesquisas e às premissas básicas que as norteiam.

Em relação a esse ponto de partida, existe um grande debate que vem se arrastando há tempos, a respeito da questão sobre onde reside a linguagem. Afinal de contas: Está na cabeça do falante individualmente considerado? Na sociedade em que ele vive, cuja cultura o nutre, o molda e o torna um membro da comunidade? Ou, para ir direto ao ponto: A linguagem é um fenômeno, antes de tudo, mental ou social? Há quem evite se incomodar com tais perguntas cabeludas, preferindo se esquivar delas dizendo: – Tanto faz! Temos que começar de algum lugar, não importa por onde! Conduzido de forma rigorosa, tanto um quanto outro produziria o mesmo resultado. – Ledo engano, digo eu.

Quem pensa que a linguagem é algo que nasce da cabeça, na mente do indivíduo e, portanto, um fenômeno eminentemente psicológico por natureza, estaria, por excelência, dizendo que qualquer menção à sociedade é fortuita e circunstancial, e ao mesmo tempo, secundária. A sociedade serviria, em sua ótica, apenas como pano de fundo e nada mais. Ademais, a existência e o bem-estar do indivíduo prescindiriam da sociedade! (Há fortes marcas ideológicas subjacentes a essa visão, tema esse que, no entanto, fica fora da nossa discussão no momento.).

Ao contrário, quem insiste em que não há como pensar a linguagem sem pensar na sociedade, que lhe dá toda a sua razão de ser, está dizendo, entre outras coisas, que a linguagem não é só a causa, mas também a consequência. A linguagem nasce da necessidade de se comunicar entre si que os nossos ancestrais, moradores das cavernas, logo sentiram a fim de pensar, planejar e executar atividades, tais como a de caçar animais para comer, a de se defender de inimigos comuns e, por que não, a de se divertir nas poucas horas vagas, cantando e dançando, formando, assim, sua cultura própria e laços de amizade e de vida coletiva.

Ou seja, a linguagem é produto de uma atividade que atravessou gerações e gerações de usuários – algo que a expressão “língua natural” engenhosamente ofusca. Nenhuma língua é natural. O que é natural talvez seja a faculdade de linguagem, muito embora até essa tese, a despeito de sua ampla aceitação, ainda encontre vozes dissonantes. “Língua”,

no sentido bem mais cotidiano do termo, aquele que se refere a português, espanhol etc., é fruto de cultivo pelas mãos de gerações de nossos antepassados e, portanto, não há nada de natural nela. Ela foi esculpida, lapidada e aperfeiçoada para facilitar a comunicação entre pessoas (e não a fim de que um indivíduo solitário pudesse delirar saciando seu passatempo de solilóquio!). É através do uso de linguagem que se formam laços sociais, e, uma vez bem assentada a sociedade, ergue-se uma cultura que lhe possa ser considerada própria.

Desnecessário, então, é acrescentarmos a ressalva de que, como já foi aludido anteriormente, tanto a linguagem quanto a cultura estão sempre em franca ebulição. Diante da globalização desenfreada que estamos testemunhando, sobretudo no que diz respeito ao contato crescente entre diferentes nações e seus respectivos povos, falar em termos de cultura ou língua como se elas pertencem a pessoas/sociedades distintas e a mais ninguém/nenhuma é um disparate escancarado. Como já vimos, isso se aplica ao nosso hábito de falar de linguagem e cultura como se elas fossem conceitos estanques. Por tudo que se sabe até o momento, a marcha da globalização amplia e ofusca cada vez mais os contornos tanto de cultura quanto de linguagem, tornando-os porosos e vagos.

Evidentemente, a situação mencionada acima tem sua contrapartida também. Em muitos lugares, observam-se movimentos que tencionam frear a alegada *contaminação* de culturas distintas que, de acordo com os defensores desses movimentos, se acham sob ameaças vindas do lado de fora. Na esfera da linguagem, de forma análoga, há os movimentos *puristas* que querem desesperadamente erguer muralhas contra os ditos *estrangeirismos*. O que esses movimentos, um na esfera cultural e outro na esfera linguística, têm em comum é o desejo de fazer frente às influências percebidas como nocivas à própria existência. O que seus defensores ardentes simplesmente esquecem é que a endogenia faz um mal terrível, não só para seres vivos, como também para produtos do seu trabalho, inclusive aqueles que são abstratos e aparentemente imunes à regra, como no caso da cultura e da linguagem. Todavia, enquanto formas de resistência a poderes

hegemônicos, as reações, às quais aludimos, merecem ser respeitadas e consideradas legítimas, ainda que sejam quase sempre impulsivas e sem um pensar mais criterioso que as justifique, tanto em relação a ressalvas sobre a viabilidade de tais iniciativas a médio e longo prazos, quanto em relação ao perigo de isolacionismo que pode resultar em consequências indesejáveis.

Uma discussão mais aprofundada dessa questão nos desviaria da questão em pauta. O que realmente nos interessa na discussão nos últimos parágrafos é o seguinte: da mesma forma que o par de termos “linguagem” e “cultura” desemboca no dualismo “indivíduo/sociedade”, ele também nos convida a trazer para consideração o dualismo “local/global”. O global, por sua vez, invoca o universal. Acontece que, no mundo da lógica, o termo “universal” tem uma acepção bem mais rigorosa do que na da linguagem popular. Na lógica e na filosofia, o termo remete a um determinado tipo de explanação metafísica sobre o que significa quando se diz que um atributo ou uma qualidade são necessários para a identificação de um objeto como tal. O universal marca sua presença em todos os objetos identificados como pertencente a um determinado tipo natural (*natural kind*).

A cultura jamais pode ser encarada como um universal nesse sentido lógico-filosófico do termo. Sendo impreterivelmente atrelada, amarrada a uma sociedade específica que a hospeda e nutre, ela é sempre local, sem a menor dúvida, embora influências advindas do lado de fora possam constantemente modificar suas feições e eventualmente determinar seus rumos. Há também um enorme perigo quando alguns estudiosos e pesquisadores se apressam em procurar e identificar, a qualquer custo, traços supostamente universais em fenômenos aparentemente similares em culturas/línguas diversas. Alguns dos exemplos mais ilustrativos desse perigo vêm das pesquisas conduzidas e festejadas, a meu ver, prematuramente, com alarde e fanfarra, num campo de pesquisa relativamente novo autodenominado de “pragmática intercultural” (no meu entender, um crasso oxímoro, desde sua própria concepção e, portanto, destinado a se revelar natimorto!).

As frequentes descobertas no campo da “pragmática intercultural”, oferecidas ao público com evidente júbilo, na verdade, logo se revelam nada mais que tentativas apressadas de passar o rolo compressor de apagamento de sutilezas próprias a cada uma das culturas em questão, apagamento esse promovido, muitas vezes, sem que os pesquisadores deem conta disso, em virtude do afã de comprovar que todas as culturas, por mais diferentes que elas sejam uma da outra, não passam de meras manifestações de uma só Cultura – a “Cultura Universal” (outro oxímoro!).

Em suma, quando se pensa na linguagem como fenômeno inextricavelmente ligado ao fenômeno da cultura, estamos nos distanciando, por um lado, do psicologismo que aposta na mente humana como nascedouro da linguagem; é um distanciamento em prol de uma alternativa marcadamente sociologista, que reconhece o papel fundamental da comunidade na qual o indivíduo se insere, quando se rastreia o processo da formação de seu repertório comunicacional. E, por outro lado, também estamos resistindo à tentação de procurar identificar traços supostamente universais que atravessam fronteiras culturais e, ao fazer isso, esvaziar o termo “cultura” com “c” minúscula em favor de uma quimera fantasiosa que se chama Cultura com “C” maiúscula. A maneira como John Searle se empenhou em reinventar John L. Austin a seu bel-prazer e conveniência é um excelente exemplo do que pode acontecer quando se ignoram ambas as advertências que acabamos de esboçar em breves palavras.

Os textos reunidos nesta coletânea, ao se dirigirem, direta ou indiretamente, à questão da relação entre a linguagem e a cultura, abordam diferentes aspectos teóricos e práticos que se encontram no caminho. Espero que essas breves palavras sirvam para aguçar a curiosidade do leitor, balizando, de certa forma, o terreno imenso que se descortina à frente, cheio de surpresas inesperadas, mas também de armadilhas traiçoeiras.

São Paulo, 20 de agosto de 2020.

Introdução
PERCORRENDO INTERSTÍCIOS:
ATRAVESSAMENTOS TEÓRICOS,
TRANSLOCALIDADES E CARTOGRAFIAS
DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM E
DAS PRÁTICAS DE CULTURA

*Claudiana Nogueira de Alencar
Dina Maria Martins Ferreira
Kanavillil Rajagopalan*

Muito se tem dito sobre a relação entre linguagem e cultura, a partir de lugares fixos que, por sua vez, têm fixado esses dois campos em edifícios conceituais pré-estabelecidos, em modos explicativos envoltos em amarras: linguagem e cultura como conceitos, entidades, produtos. Se é lugar comum que tanto linguagem quanto cultura dizem respeito a práticas, práticas de linguagem e práticas de cultura, constitutivas de práticas sociais, também não é menos perceptível, no campo dos estudos da linguagem, que ainda nos deixamos aprisionar por categorias e procedimentos metodológicos (ou mercadológicos) que, contraditoriamente, nos afastam de tais práticas; um afastamento teórico-metodológico das formas de vidas precárias que até pode conferir sofisticação ao trabalho de pesquisa, mas traz apreço a aparatos teórico-metodológicos

hegemônicos. O preço a se pagar com isso é o de comprometer e vincular tais investigações sobre linguagem e cultura, ditas assim no singular, a partir de seus congelamentos em lugares fixos, com visões elitistas e colonizantes, como a de linguagem vista da casa grande (Alencar 2014) e a de cultura como salão de ópera (Wagner 2010).

Esse livro quer lhe convidar a abandonar esses lugares estáveis, ao observar suas rotas de fuga; e a caminhar pelos interstícios do que se tem comumente chamado de linguagem e de cultura. Trata-se de um convite aos *Atravessamentos* ou à transposição de localidades comuns do pensar sobre a linguagem e a cultura, para o caminhar pelas *Translocalidades*, pelos interstícios que sobram, nas cartografias das práticas de existência humanas e extra-humanas, como se diz nos mundos indígenas. *Atravessamentos* é, pois, o título da primeira parte do nosso livro. Nela trazemos as experimentações de pensamento que subvertem a tradição filosófica, linguística e antropológica.

Se a antropologia empreendeu uma representação dos “diversos fenômenos da vida e do pensamento humanos em termos de nossa noção de cultura” (Wagner 2010, p. 66), a linguística e a filosofia também empreenderam a tarefa de representar a linguagem essencializando e tipologizando as práticas languageiras. Assim, podemos passear por edifícios conceituais que localizam “cultura” de diversos modos, por exemplo: Boas (2004) enfatiza o seu lugar de criação humana; Malinowski (1975, 1984), ao considerá-la como processo e produto, aponta para o seu caráter de instituição; Mauss (2003) traz o conceito de representações para pensá-la; e Geertz (1978) a define como sistema de símbolos. Já a linguagem, por seu turno, foi conceitualmente entendida na tradição ocidental, de Aristóteles a Saussure, sob o olhar da falácia da representação (Harris 1981). Através dessa falácia, a ideia de sistemas e códigos teria um papel decisivo para definir língua/linguagem, do mesmo modo que a ideia de intenção para o significado linguístico. Criação, instituição, representação, sistema, texto, ficção... Nesses espaços conceituais, as noções de cultura se aproximam das noções de linguagem.

Tais construções começam a ruir quando percebemos que muitas noções de cultura e de linguagem metaforizam o etnocentrismo da tradição ocidental e são utilizadas como dispositivos para justificar uma visão elitista e excludente, bem como a violência e a dominação do sistema mundo capitalista colonial moderno. Ou seja, o projeto colonial é também um projeto epistemológico que procura separar, depurar, conhecimento de vida, linguagem de política, cultura de natureza, humanos de não-humanos. Um mundo em que os pares dicotômicos eu/outro, indivíduo/sociedade, separam para excluir, dominar, exterminar. Contra essa depuração e essencialização, os autores e a autora da primeira parte desse livro atuam.

Intitulada *Atravessamentos*, essa primeira seção apresenta uma tarefa contra o empreendimento essencialista e representacionista nos estudos da linguagem e da cultura. A tarefa se mostra no capítulo 1, “O que Austin teria a dizer sobre o fenômeno de cultura: uma reflexão especulativa”, em que Kanavillil Rajagopalan subverte a interpretação de John L. Austin como um defensor da onipotência de um sujeito falante; na discussão empreendida por João Batista Costa Gonçalves e Marcos Roberto dos Santos Amaral sobre o caráter político da noção de cultura, no capítulo 2, “A cultura como prática social dialógica”, em que cultura é vista como uma prática transformadora de relações conservadoras de ordens sociais excludentes; e na experimentação que Emanuel Pedro Martins Gomes faz do pensamento de Bruno Latour para revitalizar a potencialidade crítica do trabalho da tradução/mediação realizados pelos discursos, para superar a repartição tradicional entre natureza e cultura, entre ciência e política, no capítulo 3, “O discurso como actante: revitalizando o conceito de discurso à luz da teoria do ator-rede”.

Ainda, nessa tarefa, ao questionar o modelo eurocêntrico na produção do conhecimento, o modelo epistemológico-ontológico definidor do olhar branco que propõe uma separação entre humano e natureza, Felipe Coelho e Letícia Fraga trazem o lugar-pensamento indígena para nos propor olhar para a

linguagem e para a cultura como formas de vida plurais em que todos os elementos (humanos e não-humanos) são extensões da natureza se comunicando com ela. Com esse capítulo 4, intitulado “Ridzá: unae, ucá, samytokenhé, netçowonhé, uché bae radá: cultura *versus* pensamento-vida indígena”, atravessamos interstícios para outras epistemologias.

A epistemologia proposta pelo pensamento ameríndio nos leva para o mundo da vida, da cultura e da linguagem como formas de existência. Da mesma maneira, a afirmação do poeta Baticum Proletário de que “nós existimos” e de que a “periferia vive” traz outra perspectiva epistemológica, por meio de uma projeção periférica que subverte a hegemonia do pensamento da metrópole, fazendo-nos transpor localidades, mostrando como os conflitos e as lutas contra o extermínio são também práticas de linguagem e de cultura.

Seguindo essa direção, na segunda parte do livro, intitulada *Translocalidades*, conflitos e embates entre formas de vida são vistos como constitutivos das práticas culturais e das práticas languageiras. É o que mostra Joana Plaza Pinto, no capítulo 5, “Como disputar espaços com palavras? Performatividade em paisagens linguísticas turbulentas”, ao discutir como camadas de atos de fala podem constituir espaços e sentidos de corpos que neles circulam, no contexto de um conflito pela ocupação das paisagens linguísticas de uma universidade brasileira. Por sua vez, Kassandra Muniz, Ana Lúcia Silva Souza e Lúcia Maria de Assunção Barbosa, no capítulo 6, “Linguagem, (i)migrações e experiências afro-diaspóricas: por uma pragmática do acolhimento cultural”, estabelecem uma relação entre linguagem, (i)migrações e a experiência afro-diaspórica no mundo, em uma perspectiva transnacional. Diante de um contexto político brasileiro em situação de novas (i)migrações, de deslocamentos forçados ou voluntários, discutem sobre o acirramento de conflitos e tensões, refletindo sobre o papel (de)colonizador que a língua pode assumir nesses contextos.

A perspectiva transnacional é ainda trazida por Dina Maria Martins Ferreira e Vanusa Benício Lopes, no capítulo

7, “Identidade pós-colonial: *Imaginary Homelands*, de Salman Rushdie”, ao mostrarem os conflitos e as identidades culturais pela literatura pós-colonial de Salman Rushdie. Fechando essa seção em que conflitos e embates entre formas de vida são vistos como constitutivos de práticas de cultura e linguagem, Júlio Araújo e Marcos Randall Oliveira de Freitas, no capítulo 8, “A cultura do ódio: o caso Dandara e o cancelamento do edital da Unilab”, apresentam a construção discursivo-cultural do ódio que tira a vida e impede o acesso e a permanência da comunidade transexual ao ensino superior.

Os modos como a violência colonial e epistemológica têm sido enfrentada pelos povos do sul global nos permitem refletir sobre a ideia de resistência como inventividade e criatividade no fazer pesquisa. Essa visão está presente na crítica de Roy Wagner em *A invenção da cultura* (2010), ao propor uma antropologia reversa; na perspectiva de pesquisa linguística que escute o pensamento do leigo, proposta por Rajagopalan (2004); e na visada simétrica colocada pela pragmática cultural (Alencar 2014), na qual reside como chave conceitual o pensamento indígena brasileiro, que diz respeito à reversão da natureza como cultura, dos bichos como alma, na contraposição pelo reconhecimento das formas de linguagem e criatividade de sujeitos humanos e extra-humanos. São outros modos de fazer pesquisa, outras formas de se relacionar com a vida proposta pelas pessoas – outrora chamadas de informantes, agora consideradas interlocutores, participantes da pesquisa.

A terceira parte do livro, chamada *Cartografias*, vem trazer esses saberes construídos, a partir de um plano em comum estabelecido entre os participantes da pesquisa: um plano cartográfico em que afetos, processos e o próprio ato de pesquisar são considerados como materialidades da pesquisa; e os pensares e os devires que daí surgem são tomados como “categorias” do pensar. Trazemos, portanto, a contribuição dessas cartografias, como anti-métodos.

É por meio de um anti-método que Gilson Soares Cordeiro, em vivências de pesquisa com capoeiras da cidade de

Camocim, no interior do estado do Ceará, traz a mandinga como categoria conceitual, como um ato de linguagem para pensar a constituição de uma pragmática cultural negra (Cordeiro 2015). O capítulo 9, “Pragmática cultural negra: sujeito-capoeira e ato de fala mandingueiro”, problematiza a ideia de atos de fala mandingueiros produzidos por capoeiras a partir do entendimento de sua produção como atos de fala engendrados na cultura negra.

Também, em um plano cartográfico em comum com o agitador cultural e poeta Baticum Proletário (José Antônio Viana Rocha), Bruna Santos Silva e Claudiana Nogueira de Alencar apresentam no capítulo 10, “Com arte e cultura, ninguém nos segura: Sarau Okupação, um agenciamento de existências”, os agenciamentos potencializados no jogo de linguagem Sarau Okupação, realizado no bairro periférico Antônio Bezerra, em Fortaleza (CE). Nesse plano cartográfico, são traçadas as linhas de uma Okupação que, com suas práticas culturais, resiste em meio a um sistema capitalista desigual e violento. As práticas autonomistas de existência atuam como políticas de linguagem e de cultura que subvertem pela arte, pela vida, as políticas de morte. A arte da periferia como máquina de guerra estética e política atua como um dispositivo decolonial.

A proposta contracultural dessa política de vida das formas de existência é condizente com a defesa feita por Djane Antonucci Correa, no capítulo 11, “Práticas culturais e acadêmicas integradas: politização de afazeres”, de um plano comum possibilitado pela proposta de projetos integrados que articulem ensino, pesquisa e extensão, por meio de metodologias coletivas e participativas de trabalho, na constituição dos espaços acadêmicos como espaços comprometidos com a transformação social.

Por fim, as andanças nas incompletudes dos interstícios entre linguagem e cultura que compõem esse livro nos convidam para um experimento de formas de existência que, em suas materialidades, requerem que as vejamos com nossos corpos. Finalizamos, por isso, essa introdução com Clarice Lispector,

para instigá-las/os a seguir pela leitura, para ver de diversos modos: “Há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também; tudo isso também significa ver. A barata não me via diretamente, ela estava comigo. A barata não me via com os olhos mas com o corpo” (Lispector 1991, p. 71).

Referências

- ALENCAR, Claudiana N. (2014). “Pragmática cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem”, in: SILVA, Daniel N.; MARTINS FERREIRA, Dina M. e ALENCAR, Claudiana N. (orgs.) *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, pp. 78-100.
- BOAS, Franz (2004). “As limitações do método comparativo da antropologia”, in: CASTRO, Celso (org.) *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 25-39.
- CORDEIRO, Gilson S. (2015). *Vem jogar mais eu, mano meu: cartografando a capoeira na cidade de Camocim como jogo de linguagem e resistência negra*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará.
- GEERTZ, Clifford (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HARRIS, Roy (1981). *The language myth*. New York: San Martin's Press.
- LISPECTOR, Clarice (1991). *A paixão segundo G.H.* 15ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1975). *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1984). *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos*

arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural.

MAUSS, Marcel (2003). “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, in: MAUSS, Marcel *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 183-314.

RAJAGOPALAN, Kanavillil (2004). “O linguista e o leigo: por um diálogo cada vez mais necessário e urgente.” *Estudos Linguísticos*, vol. XXXIII, pp. 23-27. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-conferencias/confraja.pdf>. Acesso em: 20/12/2020.

WAGNER, Roy (2010). *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.